

Apresentação

*Carmen Lúcia Soares**

Clarice Lispector, no romance *Água Viva*, vai dizer que há momentos em que “o corpo não agüenta mais ser corpo”, pois é ele que dá a garantia de que o sujeito é ele mesmo. As inesgotáveis buscas nos seus recônditos, na tentativa de descobrir as causas da morte, são um testemunho seguro deste “testamento” que é o corpo. Com base em ossos, arcadas dentárias, secreções, escamações da pele, nestes quase “detalhes” de um ser inteiro, histórias de vida são reconstruídas, reconhecimentos de indivíduos que um dia viveram histórias de afetos e de mágoas, desejos e gostos são, supostamente, contadas com o que restou da vida agora inanimada. O corpo é este espaço-tempo que tudo atesta, porque as marcas do que viveu estão nele inscritas; pode, então, ser pensado como um dos territórios mais visíveis de conexão entre natureza e cultura. Em sua visibilidade, o corpo permite, alegoricamente, ser interpretado e lido como texto escrito pela sociedade à qual pertence.

Memória material de muitas e múltiplas inscrições, vitrine móvel de conquistas científicas e tecnológicas, o corpo é, hoje, mais do que em outros tempos, o lugar de exibição do prolongamento temporal de uma suposta “anatomia juvenil”. Um dos traços mais marcantes da sensibilidade contemporânea em relação ao corpo é a obsessão pelo apagamento das marcas visíveis do tempo que, com lentidão, nele se inscrevem e se revelam como traços da experiência. A obsessão contemporânea pelo apagamento dessas marcas e o incremento científico e tecnológico para sua realização permitem pensar na possível escritura de uma história do indesejado: as rugas, a gordura, a flacidez, os cabelos brancos, a velhice, a lentidão. A tirania da aparência impõe uma obsessiva cruzada para que cada indivíduo se livre das marcas que caracterizam as passagens das idades, marcas que revelam as múltiplas histórias individuais e sociais.

Mas é a visibilidade do corpo que o torna capaz de revelar sinais: oposições entre saúde e doença, alegria e tristeza, vida e morte. Sua visibilidade incontestável permite escrever muitas e múltiplas histórias: dos costumes, da alimentação, da beleza, das doenças, das “boas maneiras”, das “anormalidades”... Permite escrever uma história da educação. Ou, talvez, uma história dos múltiplos constrangimentos para que a sua visibilidade traduza juventude, polidez, elegância.

* Professora da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). carmenls@unicamp.br

No corpo inscreve-se o lento, intenso, extenso, meticuloso e obstinado trabalho de constrangimentos, tanto de ordem biológica, quanto de ordem moral. Para ser exibido, o corpo precisa ser educado, e esta educação percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas. Educar o corpo para ser exibido significa prescrever, ditar, aplicar fórmulas e formas de contenção, tanto de necessidades fisiológicas – contrariando, assim, a “natureza” –, quanto de velhos desejos. São distintos atos de conhecimento e não apenas a palavra o que constitui esta educação diuturna e intermitente.

As roupas que são escolhidas para meninos e meninas são um exemplo; desde cedo, as crianças do sexo feminino são constrangidas, corporalmente, pela moda¹, pelas pequenas torturas que devem aprender a suportar para tornarem-se adultas belas, para tornarem-se mulheres que consideram “natural” e normal se equilibrar sobre um salto de 10 cm de altura e atender à moda.

As meninas, desde muito cedo, são educadas a constranger seus corpos para exibí-los com unhas pintadas, saltos altos, maquiagem, mechas coloridas nos cabelos... São educadas a consumir moda. Um modelo de beleza torna-se imperativo para a visibilidade do corpo feminino, em escala muito maior que no caso masculino. O padrão de beleza que deve ser alcançado resulta de um esforço, de um autocontrole do corpo, de uma educação cuidadosa, de uma certa predisposição para a tortura, de uma retomada bíblica: “Você ganhará a beleza com o suor do teu corpo”².

Mas a *visibilidade do corpo* também pode ser analisada a partir de outros aspectos da vida cotidiana como a comida, as religiões, a mídia, as diferentes práticas convencionadas como mais ou menos adequadas para “cuidar” do corpo, de sua aparência, da “saúde”, considerada hoje o lugar da verdade. Falar de *visibilidade do corpo*, portanto, é falar de um lento processo civilizador³, da lenta e complexa mudança de sensibilidade, da tolerância ou intolerância por atitudes e práticas humanas, de uma consideração cada vez mais eloqüente que confere ao corpo uma importância sempre mais alargada⁴.

Há uma afirmação de Foucault que me parece adequada para pensar a *visibilidade do corpo*, qual seja, a de que “cada época elabora sua retórica corporal”. Portanto, todas as marcas, as formas, a eficácia e o funcionamento do corpo transformam-se, mudam com o tempo, subvertem-se, substituem-se e representações deslocam-se.

1. Ver. a respeito. o denso trabalho de Milton José de Almeida, *A produção política e estética da criança*, produzido no Laboratório de Estudos Audio-Visuais – OLHO – FE – Unicamp, em 2000; ver ainda a obra de Denise Sant’Anna.
2. CAVIGLIOLI, François. *La dictature de la beauté. Le nouvel observateur. Les Collections*, n. 21 (Le triomphe du corps), [s.d.] p. 12.
3. A leitura de Norbert Elias, *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, especialmente o v. 1, orienta a compreensão expressa neste texto.
4. Nunca é demasiado fazer referência aos textos clássicos de Marcel Mauss, como uma espécie de fundador de um olhar sobre o corpo como objeto histórico.

O culto à magreza e a obsessão pela atividade física orientada, assim como pela “saúde perfeita”⁵, talvez possam ser uma nova representação do corpo. Tomando como exemplo o lugar da gordura, que já foi sinônimo de opulência e até de saúde (e ainda o é em determinados grupos e culturas), percebe-se claramente uma nova sensibilidade e tolerância em relação à sua existência. A gordura, hoje, converteu-se no grande mal a ser combatido, um mal que, aliado ao sedentarismo, outro vilão contemporâneo, torna-se objeto de combate incessante, desde a mídia até programas e políticas de saúde pública. Típico de uma sociedade da abundância⁶, o modelo de magreza torna-se imperativo e ocorre de cima para baixo. Nele, a gordura e a obesidade são consideradas ruins e até vulgares. Mais amplamente, pode-se falar em uma “estética da magreza” – que se impõe sobretudo às mulheres, mas não somente a elas – cuja ampla divulgação se dá pelo sistema midiático, o qual opera uma espécie de “intimação” aos “santuários do culto ao corpo”⁷, locais que sempre apresentam alguma “novidade”, seja ela adequada à estação do ano, ao que está na “moda” em outros países, a um “novo e moderno” aparelho milagroso para exercitar-se, etc.

A sensibilidade atual enraíza-se em um rompimento daquilo que se chamou de “controle-repressão” e na invenção do que se denomina “controle-estimulação”, enraizamento este já assinalado por Foucault e que resulta em sua célebre afirmação: “Fique nu, mas seja magro, bonito, bronzeado!”⁸.

Por vezes caberia perguntar, por exemplo, como a *visibilidade do corpo* se transforma, ganha novos contornos, amplia argumentos, impõe-se como necessidade a ser respondida por “especialistas”. Como as ações mais cotidianas ligadas ao corpo passam a ser prescritas por “especialistas”! Como este fenômeno, a *visibilidade do corpo*, é intercambiado por múltiplos saberes e práticas que vão da alimentação à higiene, passando pelas boas maneiras, pelos usos do banho como limpeza⁹, até as inúmeras pedagogias que trabalham no adestramento, endireitamento e modelagem dos corpos.

Veja-se a quantidade de artigos que tratam da saúde do corpo e de sua aparência veiculados em periódicos não-especializados de grande circulação¹⁰; veja-se o

5. Ver a respeito o livro de Lucien Sfez, *A saúde perfeita: críticas de uma utopia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

6. Causa espanto esta afirmação, considerando a fome no mundo e, em particular, a fome no Brasil! Abundância para quem? Para quantos? Para aqueles que inventam o modelo! Ver a obra de Denise B. Sant’Anna.

7. Expressão que utilizo para me referir, por exemplo, às academias de ginástica.

8. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 147-148.

9. VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (1. ed. francesa, 1985, *Le propre et le sale: l’hygiène du corps depuis le Moyen Age*).

10. Por exemplo, somente no ano 2002, as revistas *Veja* e *IstoÉ* publicaram, cada uma, mais de seis matérias sobre temas concernentes aos cuidados corporais, como regimes alimentares, cirurgias, ginásticas, etc. Para uma leitura crítica, consultar Dantas (2002); ver também Brasilio (2001).

seu conteúdo, que geralmente apresenta uma infindável variedade de regimes alimentares, de medicamentos, de cosméticos, de chás milagrosos, de ginásticas rejuvenescedoras, de roupas apropriadas para caminhar, correr, fazer ginástica, de maneiras de se obter mais prazer no sexo; vejam-se os conselhos de beleza que rompem completamente com aqueles de outrora¹¹ e inauguram uma espécie de tribunal, quando apresentam as famosas fotos do “antes” e “depois” do conselho dado. Aquelas que não o seguirem ficarão feias, gordas, com a pele espinhenta, etc... E não serão amadas, não conseguirão trabalho, ficarão solteiras... E esse discurso é veiculado diuturnamente, multiplica-se infinitamente a cada dia, basta olhar as revistas dedicadas ao público “feminino”.

A obsessão por uma aparência modelar veiculada midiaticamente também interfere, de forma drástica, na vida de comunidades, absorvendo, transformando e uniformizando o que as singularizava. Essa afirmação pode ser traduzida pelo modo como as pessoas se alimentam, vestem-se, amam, divertem-se. Para tudo passa a ser necessário um “especialista”, e tudo se torna pateticamente igual. O que representava força e vitalidade se transforma na causa de inúmeras doenças, não é mais parte do conjunto de elementos que compõem uma cultura, é algo que se comercializa separadamente de sua origem e funções. Novas sensibilidades constroem-se. Mas talvez seja possível pensar que há um empobrecimento na compreensão deste corpo apartado do sujeito que o habita.

Parece que, na época atual, cada momento é portador de uma nova possibilidade de antecipar-se ao mal, que tanto pode ser uma doença ou sua suposta aparição em algum momento da vida, como pode ser a obesidade (hoje considerada uma doença), mas também pode ser a velhice, este grande mal a ser combatido por múltiplas “armas” que são descobertas, enaltecidas e abandonadas com a mesma velocidade, em uma época em que a juventude deve estar inscrita no corpo.

O corpo, reduzido a um conjunto de células, líquidos, órgãos, músculos, nervos, reduzido a uma materialidade esquadrihada por atos de conhecimento, causa, contudo, surpresas infindáveis, e não cessa de mostrar que há universos que estão mais além e que seus espaços internos, assim como sua visibilidade, são, também, construídos com uma variedade de elementos invisíveis. A ambição de conhecer e de controlar o corpo, de adentrar sempre mais e mais nesse território obscuro e que parece sempre reservar algo a ser ainda explorado, revela uma compreensão predominante: para falar do corpo, consultam-se os tratados de anatomia, de fisiologia, de higiene, de bioquímica. Agrega-se a esse acervo, tanto em um passado recente como no presente, uma dose de convencimento da necessidade imperiosa de colocar o corpo em movimento, sem o que não há saúde e, nos

11. Os conselhos de beleza freqüentam periódicos desde muito tempo, porém, não com a velocidade e intensidade, nem com a quase determinação e ordem dos dias de hoje. Ver, a respeito, a obra de Denise B. Sant'Anna.

dias de hoje, também não poderá haver felicidade, e ser feliz cada dia mais passa a ser uma “obrigação”¹².

Não se trata, aqui, de negar a existência corpórea. Trata-se, sim, de pensar um corpo habitado, pois, como nos diz Nietzsche¹³, “o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade unânime, um estado de guerra e paz, um rebanho e o seu pastor”.

Este dossiê tem o propósito de discutir as múltiplas faces do fenômeno da *visibilidade do corpo* e, sobretudo, assinalar sua importância para o campo da educação. Pensar este tema, publicando neste número da *Revista Pro-Posições* autores que se vêm dedicando ao estudo do corpo, tanto no Brasil como no exterior, coloca este periódico em sintonia com uma temática que se amplia a cada dia e se revela tanto plural quanto polêmica. Se as sensibilidades são sobretudo históricas, a *visibilidade do corpo*, que se tece de seus fios, também o é.

12. Pascal Brukner, no livro *L'euphorie perpétuelle: essai sur le devoir de bonheur*. Paris: Bernard Grasset, 2000, p. 17, entende por “(...) dever de felicidade esta ideologia própria à segunda metade do século XX e que impulsiona a tudo avaliar sob o ângulo do prazer e do desprazer, esta determinação à euforia que condena ao opróbrio ou ao mal-estar tudo o que não está subscrito sob este ângulo”.

13. NIETZSCHE, Friederich. *Assim falava Zaratustra*, 11. ed, Lisboa: Guimaraes Editores, 1997, p.38.